

---

---

## DINÂMICA RECENTE DA BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE

---

---

FÁBIO HIDEKI ONO  
GUILHERME JONAS

### RESUMO

Nesse artigo, avaliamos o processo de inserção do Estado do Paraná no comércio internacional, com ênfase nos últimos 4 anos, ressaltando seu desempenho no contexto nacional e destacando algumas particularidades da economia paranaense. O investimento direto estrangeiro no setor automobilístico teve um grande mérito na transformação da pauta comercial tanto de exportações como importações. No tocante as importações, estabeleceu-se um novo patamar de participação do grupo de produtos ligados aos materiais de transporte, evidenciado pelo significativo aumento no volume importado de máquinas e equipamentos. Verificamos que mesmo diante de uma conjuntura pouco favorável ao comércio, o desempenho da balança comercial estadual mostrou resultados satisfatórios, apesar da elevada concentração das exportações da economia paranaense, que a torna suscetível a choques adversos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Balança Comercial; Abertura Comercial; Paraná

### 1 - INTRODUÇÃO

A abertura comercial, a implantação do Plano Real, as privatizações e as reformas pelas quais está passando a economia brasileira, a partir de 1990, vem impactando de forma diferenciada o desempenho econômico dos estados do país. Em especial, trataremos o impacto dessas mudanças sobre a economia paranaense. O objetivo deste trabalho é verificar como foi o processo de inserção do Estado do Paraná no comércio internacional, ressaltando seu desempenho no contexto nacional e destacando algumas particularidades da economia paranaense. Para tanto, utilizamos dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), da Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/SECEX), do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O principal resultado encontrado leva-nos a concluir que diante de uma conjuntura pouco favorável ao comércio, o desempenho da balança comercial estadual mostrou resultados satisfatórios, apesar da elevada concentração das exportações da economia paranaense, que a torna suscetível a choques adversos.

## **2 - DESEMPENHO DO SETOR EXTERNO DA ECONOMIA BRASILEIRA NA DÉCADA DE NOVENTA : UM PANORAMA GERAL**

A abertura comercial, a implantação do Plano Real, as privatizações e as reformas pelas quais está passando a economia brasileira, a partir de 1990, tem repercutindo significativamente sobre a indústria e a balança comercial. Devido à falta de competitividade dos produtos nacionais ressaltada por Fritsch e Franco (1989), a indústria perdeu espaço no mercado interno, através do forte aumento da oferta de produtos importados, especialmente matérias-primas e componentes, mas sem um aumento proporcional da parcela da produção local destinada ao mercado externo (Sarti e Laplane, 2002) resultando assim em déficits expressivos da balança comercial durante toda a segunda metade da década. A lógica determinada pelo modelo internacional mostrou que a indústria nacional não conseguiu aumentar a competitividade na dimensão necessária para atender a demanda interna, nem tampouco para inserir seus produtos nos mercados internacionais:

“...em certos setores o processo de globalização já é uma realidade que impõe certo nível de produtividade, de tecnologia e de escala de produção, impossível de serem alcançadas por empresas nacionais.” (Barros & Goldenstein, 1997)

A década de noventa foi uma fase de transição, tendo em vista que o país vem enfrentando um intenso processo de reestruturação com o intuito de retomar o desenvolvimento econômico no contexto da globalização e especialização crescente que caracterizaram o novo padrão de expansão da economia mundial, como já apontavam Fritsch e Franco (1989).

Segundo Barros & Goldenstein (1997) o processo de reestruturação pela qual passa a economia brasileira é de difícil avaliação, mas independentemente da enorme dificuldade de se aferir com precisão os ganhos de produtividade e competitividade que diversos segmentos da economia vêm obtendo e, reconhecendo que não são poucos, seria no mínimo incorreto ignorar estes ganhos em função da dificuldade de avaliá-los.

De fato a economia brasileira tentou engajar-se nesse novo contexto implementando reformas no sentido de melhorar a competitividade, como por exemplo, a liberalização comercial e financeira, a estabilização dos preços, as privatizações, a desregulamentação dos mercados de bens e serviços e a eliminação de distorções nos sistemas tributário e financeiro.

A economia brasileira modernizou alguns setores produtivos, essas mudanças nitidamente favoreceram a indústria nacional e o seu poder competitivo<sup>1</sup>, mas, de uma maneira geral, as melhoras foram tímidas, tendo em vista que não foram suficientes para contrabalançar as pressões competitivas do mercado internacional, notadamente após a implantação do Plano Real.

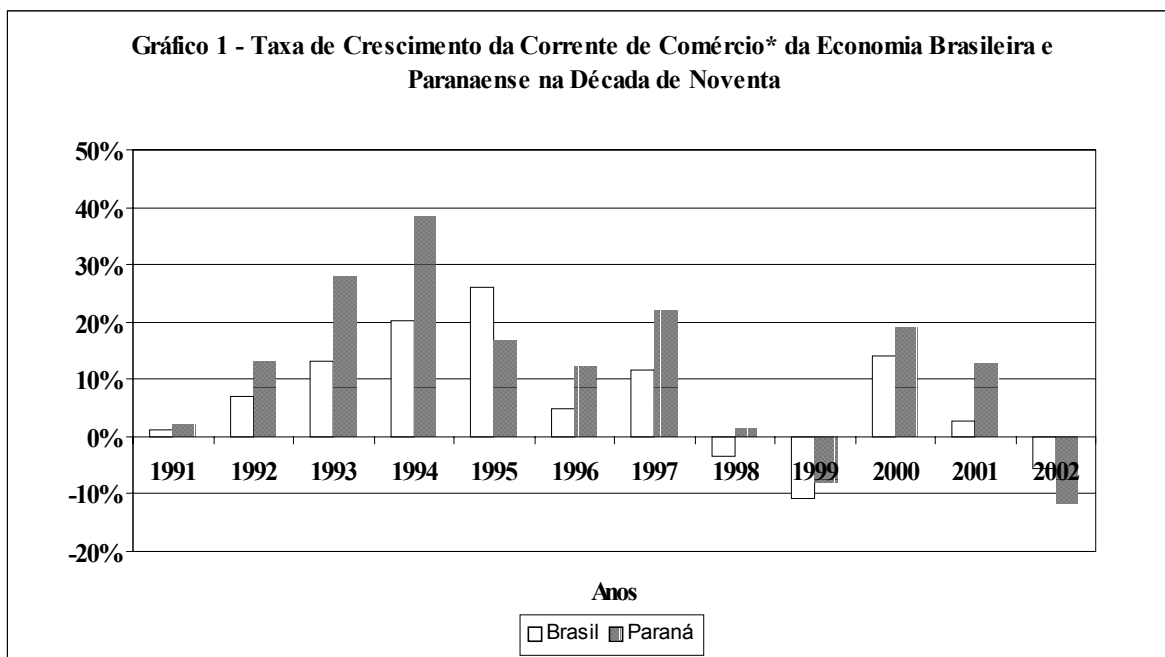
Segundo Castro (1997), apesar de alguns avanços, o país tem observado desempenho pouco satisfatório, aquém das suas potencialidades. Segundo dados do IPEA a indústria brasileira opera atualmente com 80% de sua capacidade. O controle macroeconômico colocou em questão a capacidade de crescer da economia. Portanto, para melhorar o desempenho da economia brasileira a fim de aproveitar integralmente as suas potencialidades, criou-se um consenso sobre a necessidade de realização de algumas mudanças na política econômica vigente.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> “O processo de internacionalização induziu profundas mudanças na estrutura produtiva brasileira, atualmente mais desnacionalizada e mais dependente da importação de insumos importados para produzir. Trata-se, sem dúvida, de uma estrutura produtiva mais eficiente que a do início dos anos 90, herdada da crise da dívida. (...) O IDE contribuiu, também, para a redução de deficiências na infra-estrutura, principalmente nas telecomunicações.” (Sarti e Laplane, 2002)

<sup>2</sup> No tocante mudanças necessárias nas políticas recentemente implementadas, não entraremos na questão por fugir ao objetivo central do trabalho.

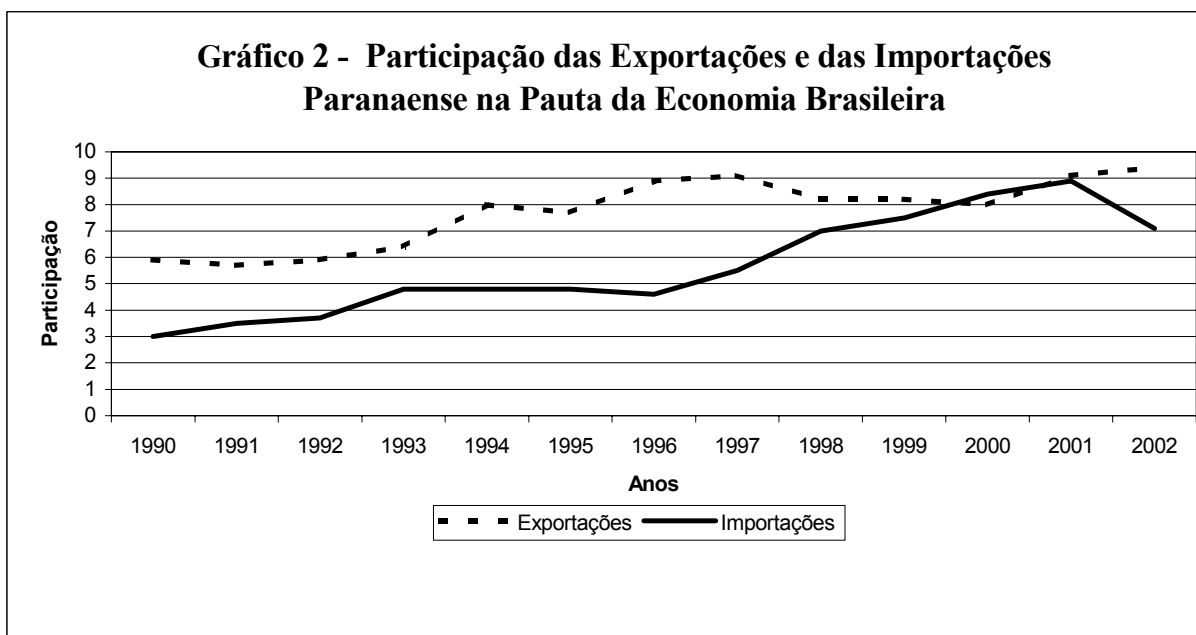
O processo de liberalização comercial intensificou-se a partir da década de 90, notadamente após a implantação do Plano Real, com a redução de barreiras tarifárias e não tarifárias, levando a um aumento significativo do *quantum* comercializado com o setor externo. Conforme evidenciado no Gráfico 1, com a implantação do Plano Real, a corrente de comércio da economia brasileira aumentou o volume comercializado em mais de 20% nos primeiros anos. No tocante a economia paranaense, a corrente de comércio teve um desempenho recorde em 1994, aumentando em 38,4 % o volume comercializado.



FONTE : IPARDES

\*Refere-se ao volume comercializado com o setor externo (volume de exportações + volume de importações)

Essa evidência é reforçada quando observamos a participação do Estado do Paraná nas importações e exportações da economia brasileira. O Gráfico 2 mostra que a participação do Estado do Paraná na pauta da economia brasileira no início década de 90 respondia por cerca de 6%, passando para 8% em 1994 e chegando a 9% no final da década, estabilizando-se nesse patamar a partir de 2001.



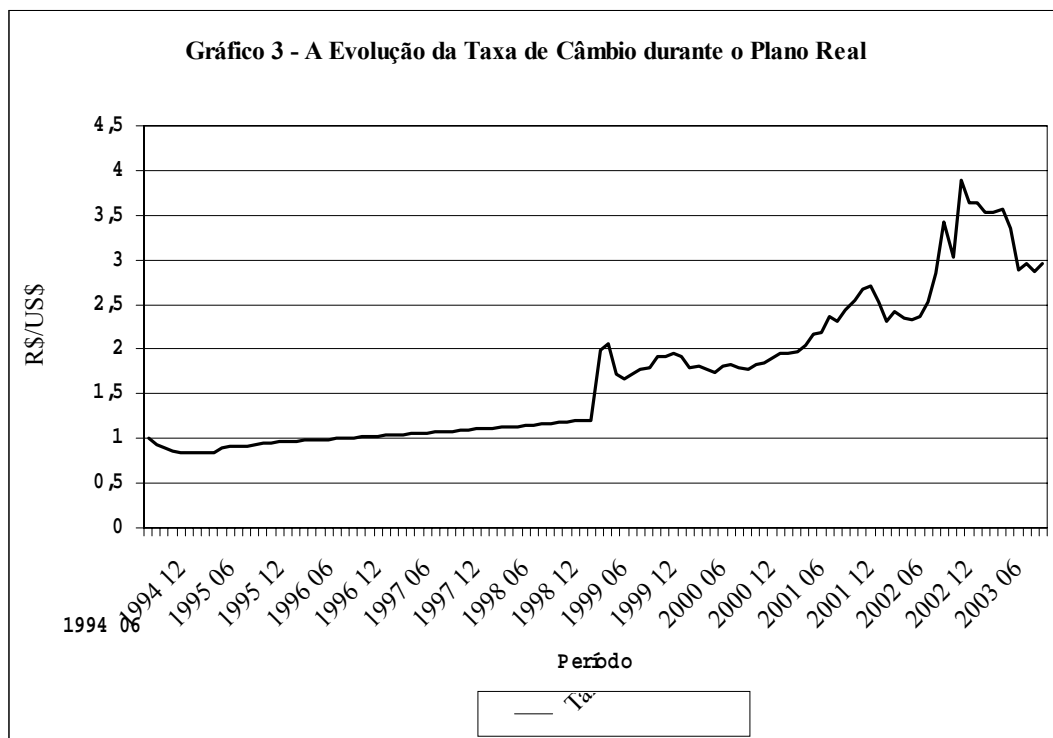
FONTE : IPARDES

Vale dizer que em 2000, 2001 e 2002, a economia paranaense logrou uma taxa de crescimento positiva das exportações na ordem de 11,7%, 21,1% e 7,2 %, respectivamente. Esse aumento significativo das exportações e da sua participação na pauta brasileira pode ser explicado em grande medida, tanto pela desvalorização da taxa de câmbio quanto pela detecção de contaminação no rebanho bovino europeu, que acabou elevando significativamente as exportações de alguns produtos do Estado. Segundo o IPARDES(2003):

“... a performance das vendas externas resultou da combinação entre investimentos realizados e oportunidades de mercado, dentre elas a contaminação do gado europeu e a desvalorização da moeda nacional, traduzida em ganhos de competitividade.”

No tocante às importações, o Estado do Paraná obteve, entre 1990 e 1993, uma participação média nas importações da economia brasileira de aproximadamente 3,75%. No período de 1994 a 1999, sua participação chegou a 5 pontos percentuais. A partir de 1998, aumentou sucessivamente até atingir 9% em 2001, voltando a cair em 2002 para a casa dos 7 pontos percentuais.

Esse desempenho crescente das importações estaduais, em alguma medida, pode ser creditado num primeiro momento a criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em 1991 e a sobrevalorização da taxa de câmbio nos primeiros anos do Plano Real (Gráfico 3). Com isso, a economia paranaense na década de noventa, tornou-se o maior importador da região, fato consolidado recentemente, quando o Estado logrou taxas de crescimento de 26,6 % e 5,2 % em 2000 e 2001, respectivamente.



FONTE : IPEA

Ao compararmos os dados sobre o saldo da balança comercial brasileira e paranaense percebemos que, em praticamente toda a década de noventa, a economia paranaense logrou saldos positivos devido principalmente as particularidades da pauta estadual, diferentemente da economia brasileira, que obteve resultados negativos durante mais da metade da década.

Como podemos observar na Tabela 1, a economia brasileira após apresentar saldos positivos e superiores a US\$ 10 bilhões na balança comercial durante os primeiros anos da década de noventa, sofreu uma profunda reversão a partir de 1995, evidenciando nitidamente a insuficiência de dinamismo das exportações, num contexto de significativa expansão das importações estimuladas pela abertura econômica.<sup>3</sup>

**TABELA 1 - BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA E PARANAENSE : 1990 – 2002**

Discriminação	Exportação		Importação		Saldo	
	(US\$ FOB milhões)		(US\$ FOB milhões)		(US\$ FOB milhões)	
Anos	BRASIL	PARANÁ	BRASIL	PARANÁ	BRASIL	PARANÁ
1990	31.414	1.868	20.661	626	10.752	1.241
1991	31.620	1.807	21.040	739	10.580	1.067
1992	35.793	2.110	20.554	769	15.239	1.340
1993	38.555	2.481	25.256	1.201	13.299	1.280
1994	43.545	3.506	33.079	1.589	10.466	1.917
1995	46.506	3.567	49.972	2.390	-3.466	1.177
1996	47.747	4.245	53.346	2.434	-5.599	1.811
1997	52.994	4.854	59.747	3.306	-6.753	1.547
1998	51.140	4.227	57.714	4.063	-6.575	164
1999	48.011	3.932	49.210	3.699	-1.199	233
2000	55.086	4.392	55.783	4.684	-698	-291
2001	58.223	5.317	55.572	4.927	2.650	389
2002	60.362	5.700	47.219	3.333	13.143	2.366

FONTE: IPARDES

O processo de globalização e de liberalização crescente no qual o país está inserido, fez com que a economia brasileira incorresse num significativo déficit comercial durante toda a segunda metade da década de 90. Para Franco (1998) e Barros & Goldenstein (1997), o déficit no balanço comercial seria inevitável, mas temporário<sup>4</sup>. Para atenuar esse problema, entre outras coisas, faz-se necessário que a economia brasileira intensifique os investimentos em infraestrutura de produção e de distribuição, tanto no fortalecimento dos complexos produtivos quanto no aperfeiçoamento do sistema de transporte nacional (rodovias, ferrovias e hidrovias), pois esta seria uma forma do país conseguir baratear os custos dos produtos nacionais e melhorar a eficiência de todo o processo.

O melhoramento das condições de eficiência da produção nacional requererá não só a indução de forças competitivas internas, devido a heterogeneidade da estrutura econômica e a dimensão geográfica do país. Segundo Sarti e Laplane (2002), para que o país possa tirar proveito de oportunidades oferecidas pela expansão do comércio internacional seria necessária a remoção de “dois grandes obstáculos ‘sistêmicos’ para o aprofundamento da industrialização: a deficiente capacidade de gerar inovações e a fragilidade dos mecanismos de financiamento de longo prazo”.

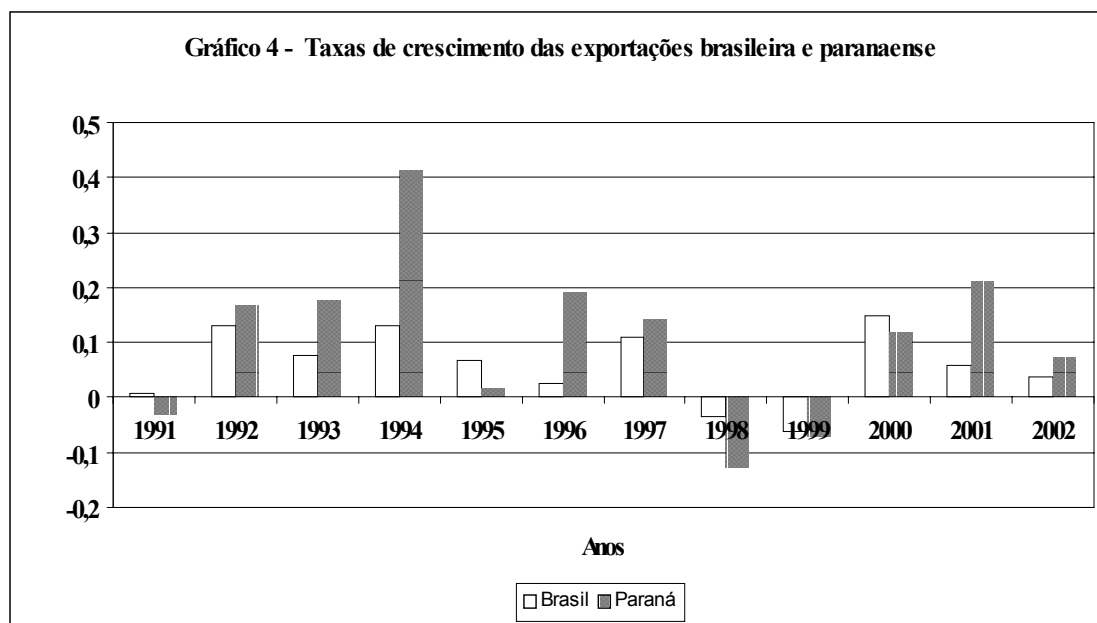
### 3 - O DESEMPENHO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSE

O cenário externo aliado aos fatores adversos (tal qual, fatores meteorológicos, devido a importância das *commodities* agrícolas na pauta estadual) determinaram o desempenho das exportações da economia paranaense ao longo da década de noventa. Observando-se o Gráfico 4, percebemos que durante praticamente toda a década de 90, as taxas de crescimento das exportações

<sup>3</sup> O MDIC/SECEX (fonte dos dados brutos) estabelece os seguintes critérios de apuração estatística por unidades da federação. EXPORTAÇÃO: refere-se ao Estado onde foi produzida, extraída ou alterada substancialmente a mercadoria exportada; IMPORTAÇÃO: refere-se ao Estado do endereço da empresa importadora (Estado do domicílio fiscal da empresa).

<sup>4</sup> Os autores apontavam que a aumento da eficiência e competitividade tanto das empresas nacionais como estrangeiras as fortaleceria na competição com produtos importados e melhorariam a inserção dos produtos brasileiros nos mercados externos.

da economia paranaense foram significativamente melhores do que o registrado pela economia brasileira no período em referência. Com esse avanço, a participação do estado do Paraná nas exportações nacionais aumentou significativamente, tornando-o o quarto maior estado exportador do país, perdendo apenas para os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.



FONTE : IPARDES

A evolução do desempenho estadual, mostrou uma performance destacada do estado no contexto nacional, notadamente em relação as exportações. As vendas ao exterior registraram taxas de crescimento significativas em praticamente todo o período, fazendo com que o saldo da balança comercial se mantivesse superavitário desde 1990, exceto no ano de 2000, quando o estado obteve um déficit de US\$291 milhões.

Os principais fatores que contribuíram para o bom desempenho das exportações neste início de década foram as constantes desvalorizações cambiais ocorridas entre 2000 e 2002, quando a cotação média do dólar passou de R\$ 1,83 para R\$3,63. Incorporando-se como elemento adicional, a detecção de contaminação no rebanho bovino europeu pela moléstia denominada *Encefalopatia Espongiforme Bovina* (popularmente conhecida como o mal da “vaca louca”), elevando-se as cotações e repercutindo positivamente nas exportações paranaenses de soja (em grãos), milho e carnes (de aves). Segundo o IPARDES (2003), a retomada do nível de preços e a desvalorização cambial estimularam o embarque de alguns produtos, gerando sensível ganhos de receitas e sustentando o acréscimo das exportações totais do Paraná.

Observando-se o desempenho das exportações estaduais a partir de 1990 e a sua participação na pauta brasileira, percebe-se que as taxas de crescimento foram negativas apenas nos anos de 1991, 1998 e 1999. Contudo, devido à taxa de câmbio favorável, o mencionado choque de oferta de carne bovina nos países europeus e a especificidade da pauta estadual, marcada pela forte presença de produtos agropecuários e derivados, a economia paranaense voltou a aumentar o volume de exportações, consolidando a posição superavitária da balança comercial e a tendência crescente das exportações:

“Em síntese, pode-se considerar que, no período de 1990 a 2002, o desempenho das exportações paranaense revela ... a força da atividade agropecuária do Estado, na medida em que as receitas recordes com as exportações foram conquistadas mediante o

desempenho de produtos como soja, milho e carnes, representando a manutenção de sua tradição agrícola.” (IPARDES, 2003)

Dentre os principais grupos de produtos que compreenderam a pauta paranaense nos últimos anos, o grupo da soja mantém a liderança nas exportações estaduais, seguido pelas exportações de Material de Transporte, Madeira, Carnes e Cereais. De fato, ao analisarmos a Tabela 3, podemos perceber que o desempenho das exportações paranaense explica-se, em grande medida, pelos resultados obtidos com os embarques de produtos agrícolas, que historicamente, caracterizam a pauta paranaense. Entre os principais produtos destacam-se a soja (em grãos e farelo), automóveis e motores, carnes de frango (e derivados) e madeiras compensadas.

**TABELA 3 - PRINCIPAIS PRODUTOS PARANAENSES EXPORTADOS  
(US\$ FOB 1000)**

Discriminação	1999 Participação (%)	2000 Participação (%)	2001 Participação (%)	2002 Participação (%)
Soja em Grãos	15,02	15,35	12,59	15,02
Soja em Farelo	17,35	14,52	14,20	13,28
Automóveis c/ motor explosão	1,06	10,84	12,19	10,61
Óleo de soja	6,92	3,37	3,15	4,68
Motores para Veículos	0,01	0,41	2,89	4,60
Milho em Grãos	n.d.	n.d.	6,79	4,08
Pedaços e Miúdos de Aves	2,25	1,79	2,65	3,23
Madeiras Compensadas em folhas	3,28	2,76	2,15	2,84
Carne de Aves	4,43	3,21	3,39	2,58
Açúcar de Cana	3,11	2,57	2,87	2,26

FONTE : SECEX

Os principais blocos econômicos parceiros comerciais do estado do Paraná nos últimos anos foram União Européia, Estados Unidos (inclusive Porto Rico) e Ásia. Individualmente, principais países importadores das mercadorias paranaense nos últimos anos foram os Estados Unidos, a China, a França, o Reino Unido, a Alemanha e a Holanda. (Tabela 4)

**TABELA 4 - EXPORTAÇÕES DO PARANÁ  
PRINCIPAIS PAÍSES E BLOCOS ECONÔMICOS DE DESTINO**

Discriminação	1999	2000	2001	2002
<b>União Européia</b>	38,21	35,23	35,56	32,63
França	5,76	5,74	7,17	5,69
Reino Unido	3,95	2,42	4,19	5,40
(Países Baixos) Holanda	7,88	7,02	5,50	4,85
Alemanha	8,24	7,88	5,28	4,64
<b>Estados Unidos*</b>	9,86	15,08	18,00	18,22
<b>Ásia**</b>	14,29	11,86	18,00	18,08
Argentina	7,75	10,80	6,70	2,41
China	1,43	2,96	2,17	7,39

FONTE: SECEX

\*Inclusive Porto Rico

\*\*Exclusive Oriente Médio

Como podemos perceber na Tabela 4, uma grande parte dos produtos exportados pelo estado do Paraná vai para os Estado Unidos, cerca de 17,5%, sendo os principais produtos comercializados, materiais de transporte e madeira. A França, os Países Baixos (Holanda) e a Alemanha são os principais destinos da soja (em grãos e em farelo) exportada pelo estado. Além da soja, uma quantidade significativa das exportações de carne (aves) foram destinadas para a União Européia neste período, principalmente devido aos problemas ocorridos no início desta década.

Merece um destaque especial, o desempenho da China em 2002, que contribuiu muito para o significativo aumento das exportações de soja (em grãos), que aliado ao aumento nos preços da *commodity*, foram os responsáveis e impulsionadores do excelente desempenho das exportações estaduais.

“... ressalta-se a China como protagonista pelo vigoroso desempenho das exportações para o bloco asiático, consubstanciado, em um primeiro momento, por embarques significativos de óleo de soja (1994-1997) e, mais recentemente, por volumes expressivos de soja em grão, que devem se consolidar, haja vista a instalação de um parque moageiro em território chinês, o que sugere a manutenção da demanda em nível elevado.”(IPARDES, 2003)

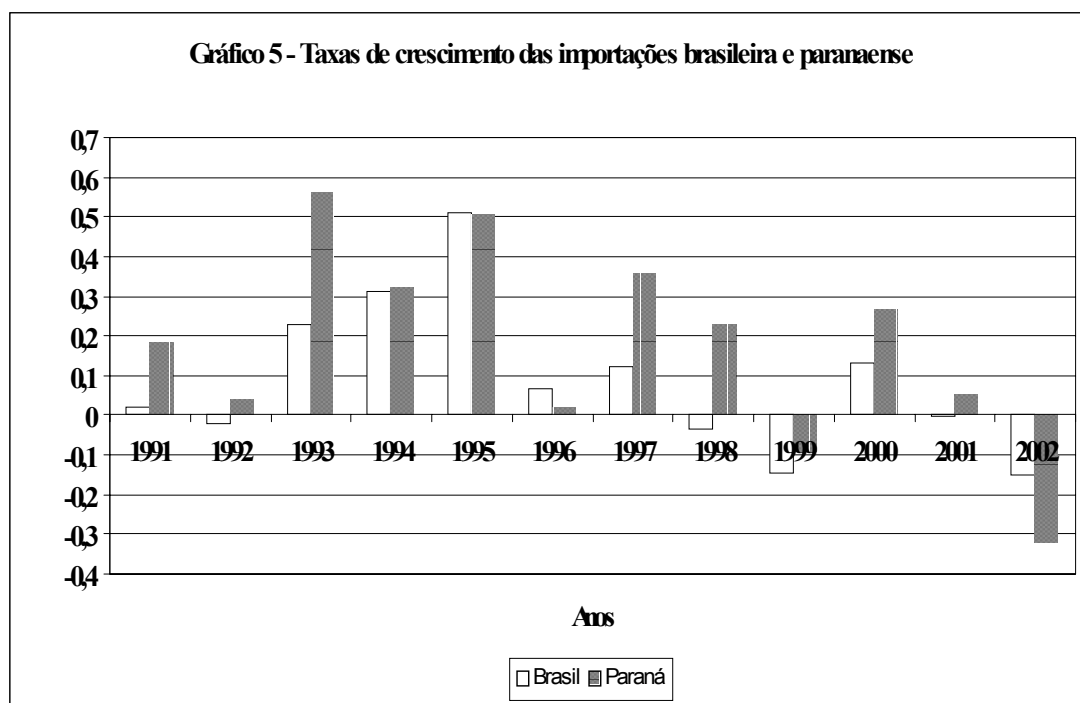
Como podemos perceber, as exportações estaduais de soja (em grãos e farelo) e automóveis representam mais de 40%, evidenciando ainda uma concentração relativamente elevada. Além disso, há também uma elevada concentração dos parceiros comerciais do Paraná nos últimos anos, dentre os quais destacam-se os Estados Unidos, a China e a França. Segundo o IPARDES (2003), é preciso destacar que essa concentração já foi mais acentuada:

“Além do aspecto quantitativo, é preciso destacar a alteração no perfil da pauta exportadora, marcado por um redesenho menos concentrado e pela incorporação de bens com maior conteúdo tecnológico.”

Portanto, o desempenho das exportações paranaenses foi relativamente satisfatório, tendo em vista que a participação estadual na pauta brasileira cresceu de aproximadamente 6% em 1990 para 9,44% em 2002. Tal cenário foi favorecido pela instalação de montadoras, pelos investimentos realizados e pelas oportunidades de mercado, que implicou num aumento das exportações, notadamente para União Européia. Contudo, a elevada concentração da pauta estadual em produtos agropecuários e derivados torna esse resultado suscetível a flutuações exógenas.

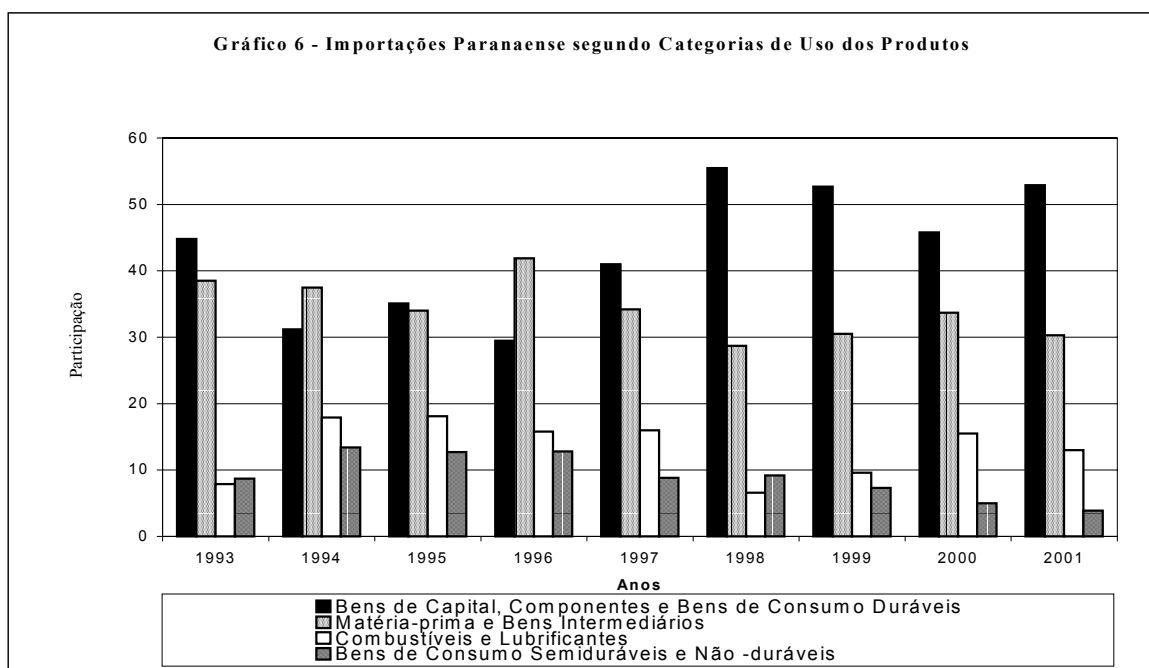
#### **4 - O DESEMPENHO RECENTE DAS IMPORTAÇÕES PARANAENSE**

O volume das importações paranaense ao longo da década de 90 cresceram relativamente mais que a economia brasileira durante praticamente toda a década de noventa (Gráfico 5). As importações estaduais no início da década passada representavam cerca de US\$ 700 milhões, em menos de cinco anos passaram para aproximadamente US\$ 1,5 bilhão. Em 2000, as importações já ultrapassavam a cifra de US\$ 4,5 bilhões. Esse aumento se intensificou principalmente a partir da implantação do Plano Real em 1994.



FONTE : IPARDES

Segundo o IPARDES (2002), a evolução das importações paranaense, é reflexo das mudanças na malha produtiva estadual, quando houve um incremento da participação dos bens com alto grau de sofisticação tecnológica, notadamente máquinas, aparelhos e materiais mecânicos, elétricos e de precisão. Ao observar o Gráfico 6, percebemos que, de fato, houve um crescimento significativo da participação do grupo de bens de capital, componentes e bens de consumo duráveis. Esse aumento se deu a partir de 1997, quando a participação no total das importações passou de 29,5% em 1996 para 41% em 1997, chegando ao pico em 1998 com uma participação de 55,5%, estabilizando-se próximo aos 50% nos últimos anos da década.



FONTE : IPARDES

De fato, se observarmos as importações dos últimos quatro anos, percebemos que o setor de bens de capital, componentes e bens de consumo duráveis sempre tiveram uma participação significativa. Como podemos observar na Tabela 5, recentemente o óleo bruto de petróleo tem aumentado sua participação na pauta das importações, mas o setor que mais se destacou nos últimos anos foi o de bens de capital, mais especificamente a aquisição de máquinas e aparelhos elétricos. Entre outros itens da pauta de importações, recentemente destacaram-se os produtos ligados ao setor automotivo, como as importações de automóveis com motor explosão, acessórios para tratores e veículos e carroçarias, motores e caixas de marcha para veículos.

No ano de 2000, o Paraná logrou pela primeira vez na década um saldo comercial negativo em virtude de um aumento de 26,63% das importações – sendo que as exportações obtiveram um crescimento de 11,69%. Abstraindo a redução de 39,3% das importações de automóveis de até 3000 cilindradas, explicado pela substituição por produção estadual, o segmento automobilístico importou nesse ano um valor 62% superior ao ano anterior, totalizando 21,9% das importações estaduais. Isso fortalece o argumento de Sarti e Laplane (2002) de que a estratégia de internacionalização da produção do setor automotivo favorece a ampliação seu coeficiente de importação.

**TABELA 5 - PRINCIPAIS PRODUTOS PARANAENSES IMPORTADOS  
(US\$ FOB 1000)**

Discriminação	1999 Participação (%)	2000 Participação (%)	2001 Participação (%)	2002 Participação (%)
Óleo Bruto de Petróleo	8,42	13,01	11,54	8,87
Grãos de soja	2,12	2,53	2,03	4,13
Outros Cloretos de Potássio	3,19	3,22	2,36	3,75
Acess. de Carroçarias p/ veículos	2,06	2,57	2,84	3,61
Acessórios p/ Tratores e veículos	2,72	3,50	2,60	2,87
Caixas de Marcha p/ veículos	0,91	1,51	1,76	2,18
Motores de Explosão	0,99	1,69	1,48	2,12
Automóveis c/ motor explosão	9,40	4,51	1,68	1,82
Diidrogênio - Ortofosfato de Amônio	1,65	1,48	4,07	1,50
Trigo	1,69	1,40	1,05	1,48

FONTE : IPARDES

Segundo o IPARDES (2003), com o início efetivo das atividades das montadoras de automóveis instaladas na década de noventa, estabeleceu-se um novo patamar de participação do grupo de produtos ligados aos materiais de transporte, evidenciado pelo significativo aumento no volume importado de máquinas e equipamentos, impulsionando as vendas externas a partir de 2000:

“ O advento das montadoras impulsionou não só o volume das exportações paranaense, mas animou, particularmente, os mercados da América latina – com ênfase ao Mercosul e México - , dos Estados Unidos e da União Européia. Dessa forma, as vendas externas de automóveis passaram a representar o principal item das exportações do Paraná destinadas à Argentina em 2000 e 2001 ... Ressalte-se que as exportações de automóveis ao México e aos Estados Unidos compensaram as perdas geradas pelo declínio do Mercosul, garantindo o ritmo crescente das exportações do grupo.”

Quanto aos principais países de origem das importações paranaenses na década de 90, podemos identificar uma redução gradual das importações provenientes da Argentina e um recente aumento da participação da Alemanha e da França (Tabela 6). Segundo o IPARDES (2002), o declínio das importações com origem na Argentina decorreu da desvalorização da moeda brasileira, bem como da intensidade da crise instalada no país recentemente. Por outro lado, o incremento da

participação da Alemanha e França deve-se ao fato dos países sediarem as matrizes das unidades instaladas recentemente no estado.

**TABELA 6 - IMPORTAÇÕES DO PARANÁ  
PRINCIPAIS PAÍSES E BLOCOS ECONÔMICOS DE DESTINO**

Discriminação	1999	2000	2001	2002
<b>União Européia</b>	40,50	35,26	38,98	39,36
Alemanha	19,34	15,95	17,49	17,79
França	6,49	5,85	5,73	6,78
<b>MERCUSUL</b>	22,59	22,52	16,57	17,47
Argentina	18,83	18,43	13,03	11,31
Paraguai	3,12	3,36	2,93	5,59
<b>Estados Unidos*</b>	12,18	10,44	12,38	11,95

FONTE: SECEX

\*Inclusive Porto Rico

\*\*Exclusive Oriente Médio

Esse contexto de abertura comercial da economia brasileira iniciado nos anos 90, implicou num aumento significativo do volume importado de máquinas e equipamentos com um maior grau de sofisticação tecnológica. Os investimentos realizados e as oportunidades de mercado, modificaram substancialmente a pauta de importação paranaense em favor de bens de capital e componentes, especialmente para o setor automobilístico.

## 5 – A DINÂMICA DO SETOR EXTERNO PARANAENSE

A economia paranaense, no final da década de 90 e no início deste século, enfrentou uma conjuntura internacional pouco favorável ao comércio, principalmente pela recessão enfrentada pelos seus principais parceiros comerciais, como os Estados Unidos e a Argentina (vide Tabela 7). Apesar deste contexto, o Paraná contornou de maneira satisfatória o cenário que se instalou recentemente.

**TABELA 7 – CONJUNTURA INTERNACIONAL  
TAXA DE CRESCIMENTO (PIB) DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO**

Discriminação	1999	2000	2001	2002
<b>União Européia</b>	<b>2,4%</b>	<b>3,5%</b>	<b>3,3%</b>	<b>0,8%</b>
França	3,1%	3,8%	1,8%	1,5%
Reino Unido	2,4%	3,1%	2,1%	1,4%
(Países Baixos) Holanda	9,1%	3,3%	1,3%	0,3%
<b>Estados Unidos*</b>	<b>4,1%</b>	<b>3,8%</b>	<b>0,3%</b>	<b>2,4%</b>
Argentina	-3,4%	-0,8%	-4,5%	-10,9%

FONTE : IPARDES

O desempenho do comércio exterior do Paraná registrou resultados significativos em praticamente toda a década de 90, principalmente se compararmos aos resultados logrados pelo país. As exportações da economia paranaense na década de noventa cresceram em média 39,8% a.a., enquanto as importações cresceram em aproximadamente 30,6% a.a.. Mesmo as importações crescendo relativamente menos, essa evolução garantiu ao estado do Paraná a posição de maior importador da região.

Notadamente em relação as exportações da economia paranaense, é interessante observar que a pauta tem algumas características preocupantes, tendo em vista que é muito concentrada em poucos produtos e parceiros comerciais e em setores com dinamismo reduzido no comércio internacional, o que a torna relativamente mais suscetível a choques externos. Uma desvantagem da pauta paranaense e brasileira de exportações é a grande participação de *commodities* agrícolas e a volatilidade das cotações nos mercados internacionais,

negativamente influenciados pelos subsídios e protecionismo praticados por países de economia desenvolvida. Os efeitos da elevada concentração da pauta das exportações foram observados ao longo da segunda metade da década de noventa, através da diminuição do saldo comercial paranaense.

Com respeito ao dinamismo das exportações brasileiras no comércio internacional, o relatório desenvolvido pelo IEDI (2003) fez uma análise dos setores produtivos classificando-os como "em decadência", os setores cujas exportações mundiais, em valor, tiveram crescimento negativo no período 1996-2001 e de setores "muito dinâmicos", aqueles cujas exportações mundiais cresceram anualmente 5% ou mais; sendo que em média, as exportações mundiais cresceram 2,5% nesse período. Segundo o referido relatório, os "setores em decadência", correspondiam a 32% do total em 2001, enquanto a média mundial era de 18%; os "setores muito dinâmicos" respondiam por 15% das exportações brasileiras, sendo de 26% o padrão mundial.

Na Tabela 8 observamos o comportamento dos setores mais representativos da pauta de exportações paranaenses. Por tratarem-se de grupos com maior nível de agregação (o grupo sementes para óleos incluem soja e milho em grãos) em relação aos dados anteriormente apresentados podem haver algumas imprecisões analíticas. Contudo, é possível inferir que o quadro geral apresentado pelo IEDI para a economia brasileira não seria totalmente aplicado ao Paraná. Setores "dinâmicos" tais quais a soja em grãos, os veículos de passageiros e as carnes de aves são representativos em relação as exportações totais do estado.

**TABELA 8 – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS  
DINÂMICA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DA PAUTA DE EXPORTAÇÃO  
PARANAENSE NO COMÉRCIO INTERNACIONAL**

<b>Produto</b>	<b>% da Pauta Paranaense (2002)</b>	<b>% da Pauta Brasileira</b>	<b>% do Comércio Mundial</b>	<b>Crescimento Comercial Mundial %</b>
Sementes para óleo (Incluindo soja e milho em grãos)	15,02%	4,7%	19,5%	21,8%
Alimento para animais (Incluindo soja em Farelo)	13,28%	3,7%	10,73%	(5,9%)
Veículos de passageiros a motor, exceto ônibus	10,61%	3,4%	0,69%	25,8%
Óleo de soja	4,68%	0,9%	7,14%	(6,4%)
Máquinas de combustão interna (Incluindo motores para veículos)	4,60%	1,9%	1,81%	2,0%
Folhas, compensados, etc. de madeira	6,66%	0,8%	3,15%	(0,7%)
Outras carnes não bovinas frescas (Incluindo aves em pedaços)	6,07%	3,1%	7,77%	11,8%

FONTE: IEDI

No tocante às importações, a participação do grupo de bens de capital, componentes e bens de consumos duráveis está aumentando significativamente nos últimos anos. Essa mudança na malha produtiva estadual, evidenciada pelo aumento dessa categoria gera expectativas positivas sobre o futuro da balança comercial estadual, tendo em vista que as empresas podem aumentar a sua competitividade no médio prazo, melhorando qualitativamente e quantitativamente as características da balança comercial do Paraná, revertendo o quadro preocupante da pauta das exportações, no sentido de uma maior diversificação. Essa particularidade do novo padrão de desenvolvimento observado na economia paranaense, evidenciada pelo aumento do peso das importações de bens de capital, mostra que pode, ocorrer num curto prazo, uma atualização

tecnológica do parque industrial, o aumento da competitividade (Barros e Goldenstein, 1997) e a redução dos preços dos produtos estaduais.

Observando atentamente os resultados da balança comercial estadual, constatamos que foram relativamente satisfatórios se comparados ao desempenho geral da economia brasileira, mas evidenciaram a incapacidade do setor exportador paranaense de expandir suas vendas externas num ritmo compatível com a necessidade de importações de produtos industriais, gerados pelo novo padrão de desenvolvimento.

## **6 - CONCLUSÕES**

As diversas mudanças que a economia brasileira passou e vem passando, a partir de 1990, impactaram de forma diferenciada o desempenho econômico dos estados do país. A inserção do Estado do Paraná nesse novo padrão do comércio internacional foi satisfatória, principalmente quando observamos os resultados da balança comercial brasileira. O desempenho verificado da balança comercial do estado leva-nos a concluir que diante de uma conjuntura pouco favorável ao comércio (retração comercial dos países importadores), o saldo comercial do estado mostrou resultados positivos, apesar desse desempenho ter sido, em grande medida, explicado por fatores externos.

Notadamente em relação às exportações da economia paranaense, observamos que a pauta tem algumas características preocupantes. A pauta estadual é concentrada em poucos produtos e parceiros comerciais, além de uma parcela significativa dos produtos apresentarem um baixo dinamismo no comércio internacional, o que a torna relativamente mais suscetível a choques externos. No tocante as importações, houve um aumento significativo do volume importado de máquinas e equipamentos com um maior grau de sofisticação tecnológica. Os investimentos estrangeiros realizados e as oportunidades de mercado, modificaram substancialmente a pauta de importação paranaense em favor do setor de bens de capital, componentes e bens de consumo duráveis, destinados principalmente para o setor automobilístico.

A indústria automobilística mereceu destaque no presente estudo. O significativo investimento estrangeiro nesse setor na segunda metade dos anos 90 teve como contrapartida uma intensificação das exportações de automóveis em proporção superior ao aumento das importações de bens intermediários. Tal movimento vai de encontro a uma tendência geral da inserção econômica brasileira identificada por Sarti e Laplane (2002). Segundo os autores, “na segunda metade dos anos 90, a inserção setorial das filiais estrangeiras e as estratégias de internacionalização que foram adotadas explicam a forte assimetria do processo de internacionalização da produção, muito mais intenso no aumento do conteúdo importado da produção do que no aumento da parcela exportada da produção”. Entretanto, pelo fato do setor automobilístico seguir uma lógica de integração regional da produção, há uma forte vinculação ao desempenho dos demais países do Mercosul, notadamente a Argentina, cuja intensidade da crise econômica enfrentada tem impedido que o setor apresente um desempenho melhor.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARROS, J. R. M.; GOLDEINSTEIN, L. Avaliação do processo de reestruturação industrial brasileiro. *Revista de Economia Política*, vol. 17, nº2, abr./jun., 1997.

CASTRO, A. B. A capacidade de crescer como problema. Revista de Economia Contemporânea, nº1, jan./jun., 1997.

FRANCO, G. A Inserção Externa e o Desenvolvimento. Revista de Economia Política, vol. 18, nº3 jul./set., 1998.

FRISTSCH, W.; FRANCO, G. O Investimento Direto Estrangeiro em uma Nova Estratégia Industrial. Revista de Economia Política, vol. 9, nº2 abr./jun., 1989.

Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI). Radiografia das Exportações Brasileiras. Abril, 2003

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES). Paraná - Comércio Exterior, Curitiba, nº 6, 2002.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES). Análise Conjuntural, Curitiba, v. 25, 2003 (vários números). Disponível em : < <http://www.pr.gov.br/ipardes> >. Acessado em : agosto de 2003.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - Secretaria do Comércio Exterior (MDIC/SECEX). Disponível em: < <http://www.mdic.gov.br/comext/default.htm> > Acessado em: agosto de 2003.

SARTI, F.; LAPLANE, M. O investimento direto estrangeiro e a internacionalização da economia brasileira nos anos 90. Economia e Sociedade, nº 18, 2002

SIMONSEN, M. H; CISNE, R. P. MACROECONOMIA. 2ª Ed. – São Paulo: Atlas, 1995.